

A Saúde Pública de Hoje

O V Congresso Nacional de Saúde Pública, à semelhança dos quatro primeiros, representará um novo marco para alargar o debate em torno dos problemas que mais interessam à Saúde Pública em Portugal.

É, agora, oportuno ampliar as discussões sobre os temas que importam a todos. Antes de mais aos cidadãos. São eles que estão na origem de toda a atenção e que constituem a génese da Saúde Pública. Cidadãos inseridos na família e integrados em comunidades. O triângulo interativo, naturalmente sempre presente.

Ora, como todos identificam, diferir o final da vida, sem ignorar a sua qualidade, constitui o centro dos cuidados prestados pelas equipas de Saúde Pública. O primeiro objetivo. A essência.

Naquele sentido, foram já reconhecidas muitas conquistas que, aliás, são traduzidas pela fantástica evolução da esperança de vida. Hoje, ao nascer, em média, essa probabilidade é superior a 80 anos.

Muitos outros indicadores expressam, igualmente, os sucessos alcançados, em particular no que se refere à Mãe e à Criança.

Agora, é tempo de desenhar novas estratégias, adequadas para ganhar os confrontos com os desafios que decorrem de fenómenos de profunda mudança quer no que se refere ao perfil demográfico quer na sequência da transição epidemiológica.

O Portugal de hoje tem a população envelhecida. Mais de um milhão de habitantes com idades superiores a 75 anos, dos quais 273 mil com 85 ou mais anos, incluindo 4 mil com 100 ou mais anos.

No Portugal de hoje, e no quadro daquele processo de transição epidemiológica, 86% do *burden* de doença (medido em *DALY*) é devido a doenças crónicas não transmissíveis (*NCDs* na sigla inglesa), das quais 18% por doenças oncológicas, 15% por cardiovasculares, 12% por doenças músculo-esqueléticas, entre outras.

Estudos recentes demonstram que os cinco principais fatores de risco que explicam aquele panorama são: alimentação inadequada, hipertensão arterial, tabagismo, índice de massa corporal elevado e hiperglicemia em jejum.

Mas, é verdade que muitos destes riscos são modificáveis e, por isso, seguramente evitáveis.

Impõem-se novas abordagens.

A Saúde Pública no Portugal de hoje não é sobreponível à da época modernista nem sanitarista. Os problemas são bem distintos. Os conhecimentos científicos inigualáveis. Também, os notáveis avanços em ciências básicas, nomeadamente na genética, na biologia molecular, bem como nas novas tecnologias, em particular os robustos sistemas telemáticos e

de informação baseados na *web*, são mais-valias incontornáveis. Permitem chegar mais longe. Perceber melhor. Conquistar. Ganhar. Isto é, levar para diante o final da vida e elevar a sua qualidade ao longo de todo o ciclo. Condições fundamentais para prosperar. Para ultrapassar fronteiras.

Para tal, a Reforma da Saúde Pública, agora em curso, terá que encontrar modelos de resposta eficazes. Esta é a missão dos congressistas no Porto.

Francisco George

Lisboa, outubro de 2016

[Texto enviado para publicação no *site* do V Congresso Nacional de Saúde Pública; publicado a 27 de outubro de 2016, em www.dgs.pt]